

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA: TECENDO REDES DE CONVIVIALIDADE E SOLIDARIEDADE NA ESCOLA

Ana Paula Cunha Garcia (UEM- CRC)

Isabelly Quintela Barbosa (UEM-CRC)

Naiara Vioto Gonçalves Machado (UEM-CRC)

José Aparecido Celorio (UEM-CRC)

Adalberto Ferdnando Inocêncio (UTFPR- Dois Vizinhos)

e-mail: ra133942@uem.br

Resumo:

O projeto de extensão “Educação e Comunicação Não-Violenta: tecendo redes de convivialidade e Solidariedade na Escola”, considerou a existência de uma comunicação violenta presente nos discursos que julgam e enquadram o outro em estereótipos que inibem enxergá-lo na sua legitimidade. Desse modo, este projeto, teve como um dos objetivos a criação de redes de escuta empática, solidariedade e convivialidade - a partir da comunicação não-violenta - na educação básica das escolas municipais de Cianorte e região. Tendo como referência a obra de Marshall Rosenberg (2006, 2019a, 2019b, 2020, 2021a, 2021b) e sua proposta de educação compassiva, o projeto promoveu grupos de estudo para professores/as e cursos de curta duração para profissionais da educação básica envolvidos direta ou indiretamente com a sala de aula. A Comunicação não-violenta foi desenvolvida pelo psicólogo Marshall Rosenberg com a fundação do *Nonviolent Communication*, em 1984, na cidade de Detroit. Rosenberg (2006) criou uma linguagem para que os relacionamentos pessoais e profissionais se construíssem na forma de respeito ao outro, compreendendo suas formas de julgamento, necessidade e sentimento. Com o desenvolvimento das práticas e de dois trabalhos finais de graduação, pudemos verificar que algumas atividades pedagógicas, subrepticiamente, possuem linguagem violenta e excludente, e podem ser repensadas a partir da linguagem compassiva proposta por Marshall Rosenberg. Da mesma forma, gestores puderam rever suas posturas diante do grupo e avaliaram que muitas delas eram atravessadas por uma linguagem julgadora e dominadora. Até o presente momento o projeto alcançou diretamente 47 professores e professoras rede municipal de Cianorte/região e, indiretamente, aproximadamente 300 crianças da educação básica.

Palavras-chave: Educação Compassiva; Educação Básica; Redes de Convivência

1. Introdução

Além dos constantes ataques que a educação e a escola vêm sofrendo nas últimas décadas, um fator que gera mal-estar na educação e na escola, e enfraquece as instituições de ensino, é a dissolução das relações humanas nos espaços escolares (CELORIO, 2015, 2019).

Esse fator, somado aos demais ataques, reduz as atitudes de solidariedade e convivialidade como condição *sine qua non* para a sobrevivência de instituições que se incumbem da formação de outras pessoas. A violência é um traço que perpassa as dinâmicas escolares e se manifesta de vários modos, sendo um deles a comunicação violenta movida por um discurso que julga e enquadra o outro em estereótipos que inibem enxergá-lo na sua legitimidade. Este tipo de comunicação é fruto da ausência de escuta empática e de um individualismo ressentido que mina qualquer possibilidade de viver solidariamente em grupo.

As escolas, públicas e privadas, grosso modo, ainda são sustentadas por uma lógica de dominação que tende a desautorizar os discursos que visam promover dinâmicas que abarquem as várias dimensões humanas - intelectual, afetiva, cultural, imaginária, onírica, social, etc. Temos, portanto, uma escola que, impulsionada por governos centrados apenas no desenvolvimento econômico inconsequente, racionaliza as práticas escolares tornando-as utilitárias conforme as diretrizes impostas pela lógica mercantil. Desse modo, a (auto)formação humana tende a ser suplantada por uma formação normótica que pretende tornar as pessoas aptas, unicamente, para o desempenho profissional sem que as lógicas de dominação sociais sejam questionadas e sem que a própria prática profissional seja refletida por sua dimensão ética. Também preponderam aspectos da sociedade do desempenho (HAN, 2017) que, subliminarmente, cria em cada um de nós o “desejo” de produzir em alta *performance*, como também cria em nós a sensação de que o que nos adoece é a nossa própria incapacidade de ter esse desempenho, não o meio social e cultural em que vivemos.

Do nosso ponto de vista, um dos caminhos possíveis para dirimir essa normose¹ social que a escola produz e reproduz, ao mesmo tempo em que é afetada e afeta, é a comunicação não-violenta. A Comunicação não-violenta foi desenvolvida pelo psicólogo Marshall Rosenberg com a fundação do *Nonviolent Communication*, em 1984, na cidade de Detroit. A partir dos ideais de Mahatma Ghandi, da Não-Violência (*ahimsa*, em sânscrito) como "a ausência de toda e qualquer intenção de violência, ou seja, é o respeito em pensamento, palavra e ação pela vida de todo ser vivo" (MULLER, 2007, p. 52), Rosenberg (2006) criou técnicas para que os relacionamentos pessoais e profissionais se construíssem na forma de respeito ao outro, compreendendo suas formas de julgamento, necessidade e sentimento. Para ele, a comunicação não-violenta (CNV) "nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e

¹ A normose, um termo cunhado por Pierre Weil, Roberto Crema e Jean-Yves Leloup (2003, p. 22) pode ser definida como "o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábito de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade que provocam sofrimento, doença e morte".

automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando (ROSENBERG, 2006, p. 22).

Tendo como anseio a criação e a manutenção de práticas do convivialismo na escola, que buscam “princípios que permitem aos seres humanos, ao mesmo tempo, rivalizar para melhor cooperar e nos fazer progredir enquanto humanidade, com plena consciência da finitude dos recursos naturais e com a preocupação compartilhada de cuidado com o mundo” (SEGUNDO MANIFESTO..., 2020, p. 59), este projeto de extensão, intitulado “Educação e Comunicação Não-Violenta: tecendo redes de convivialidade e Solidariedade na Escola”, foi voltado para profissionais da educação básica das escolas de Cianorte e região, e teve como objetivos a criação redes de escuta empática, solidariedade e convivialidade, a partir da comunicação não-violenta, entre os participantes envolvidos e desenvolver atividades escolares e pedagógicas, para alunos e alunas da Educação Básica, com base na linguagem da Comunicação Não-violenta.

Este projeto, portanto, foi um convite para que os participantes reavaliassem suas relações interpessoais levando em consideração suas necessidades e sentimentos que moldaram seus julgamentos. A esta proposta, vincularam-se projetos de iniciação científica e de trabalhos finais de graduação, que mostraram como algumas atividades pedagógicas ainda são moldadas por uma linguagem dominadora e excludente. A escola é um espaço onde certos valores éticos podem ser construídos e também um espaço que, por várias razões, pode minar essa possibilidade. Diante disso, este projeto visa fomentar ações para que as legitimidades de cada trabalhador/a da educação sejam respeitadas no âmbito do bem comum.

2. Metodologia

Tendo como referência a obra de Marshall Rosenberg (2006, 2019a, 2019b, 2020, 2021a, 2021b) e sua proposta de educação compassiva, o projeto teve início em 2021, ainda na Pandemia Covid-19, com atividades destinadas a professores/as da Educação Básica do município de Cianorte e região. Nos anos de 2023, e primeiro semestre de 2024, mantivemos um grupo permanente de estudos dos textos básicos de CNV, formado por estudantes de graduação e professores/as. Este grupo se reunia para as leituras dos textos e para pensar a organização de atividades que levassem em conta a linguagem compassiva da CNV e que pudessem ser aplicadas em sala de aula para seus alunos. Durante esse período, também oferecemos cursos de Comunicação Não-Violenta para professores/as da educação básica, com duração de cinco encontros, gratuitamente. Durante os encontros, uma parte teórica era

apresentada aos participantes seguida de prática de comunicação não-violenta, que consistia em passar pelos quatro processos estabelecidos por Marshall Rosenberg – escuta empática (sem julgamento), expressão dos sentimentos, identificação das necessidades e efetivação do pedido (um pedido chegue até o interlocutor sem demonstrar exigência). Também com o objetivo de levar a CNV para as escolas, nesses grupos os participantes puderam repensar sua prática pedagógica e criaram pequenos momentos de prática de CNV nas suas respectivas turmas. Apesar de a CNV ser formada, basicamente, por atividades práticas, o projeto inclui alguns estudos temáticos como: sociedade disciplinar, sociedade do desempenho, dialogicidade e práticas de escuta, educação parental e disciplina positiva, mal-estar e sofrimento psíquico.

3. Resultados e Discussão

Com base nos relatos que recebemos dos participantes envolvidos nos grupos de estudo e nos cursos de comunicação não-violenta, o projeto contribuiu para uma revisão do modo como concebemos a educação e a escola, e de que modo certos valores – restritivos ou libertários – ecoam em nossa vida como um todo. Como muitos pensavam no início da participação no projeto, a comunicação não-violenta não é, exatamente, falar manso e educadamente com as pessoas. Muitas vezes pessoas usam a linguagem da dominação mesmo se comunicando “educadamente”. A comunicação não-violenta está pautada nas relações humanas sem que elas sejam atravessadas por avaliações moralizantes, por isso sua prática é fundamental para criar ações de escuta empática dos sentimentos e das necessidades de cada pessoa. Com o desenvolvimento das práticas e de dois trabalhos finais de graduação, pudemos verificar que algumas atividades pedagógicas, subrepticiamente, possuem linguagem violenta e excludente, e podem ser repensadas a partir da linguagem compassiva proposta por Marshall Rosenberg. Da mesma forma, gestores puderam rever suas posturas diante do grupo e avaliaram que muitas delas eram atravessadas por uma linguagem julgadora e dominadora. Até o presente momento, o projeto alcançou diretamente 47 professores e professoras da rede municipal de Cianorte/região e, indiretamente, aproximadamente 300 crianças da educação básica.

4. Considerações

O projeto de extensão “Educação e Comunicação Não-Violenta: tecendo redes de convivialidade e Solidariedade na Escola”, segue para o seu quarto ano de atividades. Nos

resultados obtidos nos anos de 2023 e 2024, verificamos a criação de espaços de convivência e compreensão em âmbito escolar, bem como a possibilidade de tornar a sala de aula um espaço de aprendizagem que inclua a diversidade dos modos de existência e de práticas que visam a escuta dos alunos nas suas múltiplas dimensões. Com as determinações municipais, estaduais e federais, sabemos que as escolas tendem a se submeterem, cada dia mais, aos ditames da produtividade e do rendimento dos alunos para o aumento dos índices nas provas nacionais. Se por um lado, isso demonstra relativa e suposta melhoria na educação, por outro, aponta para o risco de a escola se tornar uma zona de treinamento para o mercado de trabalho e para o consumismo.

Referências

CELORIO, José Aparecido. Processos (auto)formadores e docência: vias para a compreensão de algumas faces do mal-estar na educação. In: PAINI, Leonor Dias; CHICARELLE, Regina de Jesus; CELORIO, José Aparecido. **PARFOR** - Plano Nacional de Formação de Professores, dialogicidade entre a Educação Básica e a Universidade: compartilhando saberes. Maringá: Massoni, 2019. p. 269-284.

CELORIO, José Aparecido. **Narrativas e imaginários de professoras readaptadas**: rumo a uma pedagogia da observância. 2015. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.

MULLER, Jean-Marie. **O princípio da não-violência**. Uma trajetória filosófica. São Paulo: Palas Athena, 2007.

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação não-violenta**. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

ROSENBERG, Marshall. **Vivendo a comunicação Não-Violenta**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019a.

ROSENBERG, Marshall. **A linguagem da paz em um mundo de conflitos**: sua próxima fala mudará o mundo. São Paulo: Palas Athena, 2019b.

ROSENBERG, Marshall. **O coração da transformação social**. São Paulo: Palas Athena, 2020.

ROSENBERG, Marshall. **Educação para uma vida mais plena**. São Paulo: Palas Athena, 2021a.

SEGUNDO manifesto convivialista. Por um mundo pós-liberal. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2020.

WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. **Normose**. A patologia da normalidade. Campinas: Verus, 2003.